



Site Jornalista Inclusivo e os potenciais do Jornalismo Digital para promover a acessibilidade de pessoas com deficiência

Jornalista Inclusivo website and the potential of Digital Journalism to promote accessibility for people with disabilities

Maria Leandra Aroeira de Jesus¹
Elizabeth Nader Simões²

Resumo: Este artigo visa entender os potenciais do meio digital na democratização e no aumento da pluralidade na produção e consumo de informações, por meio da análise de conteúdo do *site* Jornalista Inclusivo. A partir de revisão bibliográfica e o estudo do portal de notícias, observou-se como o formato, as ferramentas e os recursos foram utilizados para promover a inclusão digital de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Jornalismo inclusivo; Inclusão digital; Multimídia; Jornalismo digital; Inovação.

Abstract: This article aims to understand the potential of the digital medium in the democratization and in the increase of plurality in the production and consumption of information, through the content analysis of the Jornalista Inclusivo website. From a bibliographical review and the study of the news portal, it was observed how the format, tools and resources were used to promote the digital inclusion of people with disabilities.

Keywords: Inclusive journalism; Digital inclusion; Multimedia; Digital journalism; Innovation.

¹ Estudante do curso de Jornalismo na Universidade Vila Velha (UVV). E-mail: marialeandraaroeira@gmail.com

² Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Vila Velha (UVV); mestra em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: enader@uvv.br



Introdução

As mudanças e evoluções do mundo digital afetam a sociedade como um todo. “A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 44). A cibercultura se aproxima do jornalismo através dos avanços de inovação, que mudam a maneira de se produzir o conteúdo jornalístico, além de ampliar as possibilidades de consumo do público através das novas plataformas e dos recursos que tornam os produtos cada vez mais multimidiáticos.

Segundo Ana Marta Flores (2016), desde a popularização do jornalismo *online*, em meados da década de 1990, seguido de novas linguagens, plataformas e redações convergentes é possível identificar linhas inovativas no jornalismo. No cenário atual, são muitas as ferramentas e os recursos disponíveis para auxiliar os profissionais do jornalismo na produção e na transmissão de seus conteúdos.

Flores (2016) ainda observa que a tecnologia é a principal aliada no desenvolvimento inovativo do jornalismo. Ela está presente tanto nas novas possibilidades de processos quanto na criação do produto final. As novas ferramentas possibilitam o jornalismo mais acessível e inclusivo, sendo necessário compreendê-las e utilizá-las amplamente. A observação e o estudo dessas práticas têm grande relevância social, uma vez que tornar o jornalismo mais inclusivo promove a democratização das informações ao possibilitar o acesso de mais pessoas.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, sancionada em julho de 2015, tem como objetivo “assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). O Artigo 63 estabelece que:

É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente (BRASIL, 2015, p. 14).



No entanto, a maioria dos *sites* no Brasil não seguem tais critérios, como evidenciado pelo estudo “Acessibilidade na web brasileira” realizado pela empresa BigDataCorp³. A pesquisa mostra que, em 2021, apenas 3,15% dos *sites* de notícias foram aprovados nos testes de acessibilidade digital. No âmbito geral, dos 16,89 milhões de *sites* observados, apenas 0,89% tiveram sucesso em todos os testes de acessibilidade aplicados, contrastando com as 18,9 milhões de pessoas que possuem algum tipo de deficiência no país, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A partir desses resultados e observando o cumprimento das leis e considerando a relevância social do tópico, é importante descobrir como tornar o jornalismo digital mais acessível para pessoas com deficiência. Para responder essa questão, o artigo abordará o tema do jornalismo de inovação e analisará o *site* Jornalista Inclusivo, evidenciando como o veículo faz uso de recursos que promovem a inclusão digital.

O *site* Jornalista Inclusivo é um veículo digital voltado para conteúdos sobre inclusão de pessoas com deficiência, e se destaca pelo uso de diversas ferramentas e formatos que melhoram a acessibilidade digital. Devido a esses fatores, o artigo tem como objetivo analisar os recursos, o formato e a linguagem do *site*. A pesquisa busca analisar as ferramentas usadas pelo Jornalista Inclusivo a fim de promover a inclusão digital e inspirar a criação de *sites* jornalísticos mais acessíveis, além de provocar reflexão sobre a importância das práticas de jornalismo inclusivo.

O trabalho fará um estudo do portal enquanto plataforma de inclusão, utilizando a metodologia de estudo de caso a fim de confirmar a teoria proposta. Segundo Robert Yin (2001), “para confirmar, contestar ou estender a teoria, deve existir um caso único, que satisfaça todas as condições para testar a teoria. O caso único pode, então, ser utilizado para se determinar se as proposições de uma teoria são corretas.” (YIN, 2001, p. 62). Para isso, será feita a análise das matérias e demais conteúdos publicados no site, assim como dos recursos de acessibilidade presentes no mesmo. Também foi feita uma entrevista com perguntas abertas para o criador do site, realizada através do Instagram e do Google Docs.

³ Empresa de tecnologia que realiza pesquisas através da coleta e análise de dados.



No artigo, são utilizados como bases bibliográficas, o livro *Cultura da convergência*, do autor Henry Jenkins (2009) e *Jornalismo de Inovação: um conceito múltiplo* com autoria de Ana Marta Flores (2016), entre outros.

A convergência e o surgimento do Jornalismo Digital

A convergência digital é um conceito amplamente estudado desde o final do século XX. A internet foi o fator chave para a integração cada vez maior de serviços e mídias diferentes em um único ambiente virtual.

Segundo Benigno Neto (2008), “convergência significa encontro de dois ou mais elementos em um único ponto, não interessando o resultado que haverá após esse ponto” (BENIGNO NETO, 2008, p. 1). O autor completa dizendo que “quando se fala em meios de comunicação, tecnologia e Internet, a palavra ‘convergência’ é uma constante. A relação entre esses três termos é cada vez mais evidente” (BENIGNO NETO, 2008, p. 1). Assim, quando falamos sobre a relação entre inovação, internet e jornalismo, é preciso entender o que é a convergência e como ela está relacionada ao jornalismo digital.

O autor explica que existem pelo menos dois tipos de convergência quando tratamos de internet e novas tecnologias. A convergência tecnológica, e como consequência dela, a convergência das mídias. A primeira é referente a influência das tecnologias da comunicação e da computação sobre a coleta e difusão de informações. Nesse caso, Benigno Neto (2008) afirma que os celulares e computadores representam a convergência tecnológica.

Hoje, por algum desses dois equipamentos, pode-se conversar como se estivesse ao telefone, tirar fotos ou fazer filmes e difundir arquivos, teoricamente, de qualquer local e a qualquer hora, deflagrando a mobilidade proporcionada pela tecnologia (BENIGNO NETO, 2008, p. 2).

Quanto à convergência de mídias, Benigno Neto cita que “por causa da convergência tecnológica é possível afirmar a existência das convergências de conteúdo, linguagem e, portanto, de mídias” (BENIGNO NETO, 2008, p. 2). A interconexão entre plataformas e a



convergência de mídias não só redefinem a forma de consumo das informações, mas também ampliam as possibilidades de expressão e comunicação.

Além dos aspectos técnicos e acadêmicos que envolvem o estudo das convergências do universo digital, há também uma perspectiva voltada para a humanização do fenômeno, como abordado por Jenkins (2009, p. 31): “A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”. Isso se dá a partir do momento em que as informações são compartilhadas e o assunto é discutido entre as pessoas.

O jornalismo nos meios digitais é um fenômeno relativamente recente, tendo se expandido junto com a internet, conhecida também como World Wide Web (WWW), que teve início em 1994. Segundo Kevin Kawamoto (2003), alguns educadores das escolas de comunicação e jornalistas dos anos 1990 acreditavam que a internet e o surgimento dos meios digitais não passavam de uma moda passageira, sem merecer atenção ou estudo aprofundado. Porém, como vimos atualmente, a internet e o universo digital têm papel importante no cenário global nos meios de comunicação.

Kawamoto define o termo jornalismo digital como o uso de tecnologias digitais para pesquisar, produzir e distribuir (ou tornar acessível) notícias e informações para uma audiência informatizada. Ele traz ainda algumas características do jornalismo digital, como a hipertextualidade, a interatividade, a convergência, a produção multimídia e a personalização dos conteúdos (KAWAMOTO, 2003).

Apesar dessa definição, quando o jornalismo digital teve seu início na década de 1990, os conteúdos presentes nos *sites* eram apenas versões digitais dos jornais impressos, passando por pouca ou nenhuma modificação (RASÊRA, 2010). É importante ressaltar ainda que, na época de seu surgimento, o jornalismo digital não contava com uma internet veloz ou mesmo com computadores que dessem suporte a produções variadas, como observado por Benigno Neto (2008):

Assim, a aplicação de recursos multimídia – tais como: imagens em movimento ou utilização de sons – eram pouco aproveitados já que a velocidade das conexões era lenta. Portanto, o carregamento das páginas deveria acontecer de forma a não incomodar o leitor que buscava informações.



Nessa época, não existia ainda um manual que desse receitas de como devia se comportar o texto ou a diagramação de um jornal na web. O que havia era uma transposição do material impresso para o meio digital sem uma preocupação de encarar a Internet como uma outra mídia (BENIGNO NETO, 2008, p. 7).

Mesmo com as diferenças entre o jornalismo digital e os veículos tradicionais de comunicação, o jornalista que atua no meio virtual deve cumprir as normas e diretrizes obrigatórias a todos os profissionais. Mark Deuze (1999), citado por Helder Bastos (2005), fala que “qualquer definição deste comunicador deve seguir as guidelines escolhidas para a profissão como um todo” (DEUZE, 1999, p. 376). Essa abordagem ressalta a necessidade de integrar o papel do comunicador em um contexto mais amplo, considerando não apenas as competências individuais, mas também as normas éticas, práticas profissionais e responsabilidades sociais que caracterizam a área de comunicação.

Bastos destaca ainda que o jornalista que atua nos meios digitais tem as mesmas atribuições que os profissionais trabalhando dentro de uma redação, como o recolhimento de notícias/investigação, a seleção, escrita e edição. Segundo ele, “o jornalista online é, portanto, um profissional que concretiza tarefas jornalísticas dentro de, e para uma publicação online” (BASTOS, 2005, p. 3).

Potencialidades do Jornalismo Digital

Com o passar do tempo e avanços tecnológicos, o fenômeno da convergência trouxe a oportunidade para a produção de conteúdo multimídia. Para o jornalismo, isso significa a possibilidade de aumentar a qualidade das notícias através da incorporação de imagens, vídeos, gráficos e outros recursos que enriquecem a experiência do leitor.

Flores (2016) defende o uso dos diferentes formatos para proporcionar uma experiência mais completa para o público.

Para além do texto, a navegação intuitiva, a inserção de vídeos com reprodução automática ou gráficos animados traz uma nova experiência de leitura; isso se dá ao convidar o usuário para uma imersão que o leva em um



fio condutor mais emocional do que a tradicional reportagem (FLORES, 2016, p. 7).

Atualmente, a principal necessidade do mercado de jornalismo é por profissionais que sejam multimídia, visto que para a maioria das empresas não basta saber realizar apenas uma função. A rotina dos jornalistas do século XXI envolve gerar páginas da internet, fazer locução, manusear câmeras, entre outras atividades. De acordo com Magaly Prado (2011), “cada vez mais os portais incluem, além do texto, galerias de fotos e infográficos [...], uma variedade de áudios e vídeos etc. como atrativo para conquistar audiência” (PRADO, 2011, p. 4).

Essa necessidade surge devido ao desenvolvimento da audiência fragmentada, onde as pessoas buscam notícias por diferentes canais e formatos. “Logo, as empresas midiáticas perceberam que a única maneira de atingir esse público fragmentado é por meio da adoção de uma abordagem multimídia.” (RASÊRA, 2010, p. 7).

Para colocar em prática os novos formatos e atrair o público, a rotina jornalística precisa ir além da equipe tradicional (repórter, cinegrafista/fotógrafo, editor e diagramador), e passa a envolver um grupo multidisciplinar. “Com isso, o processo de construção da notícia ganha anexos completamente inovadores com foco em tecnologia e formatos especiais” (FLORES, 2016, p. 9). Além da integração do áudio e vídeo, o jornalismo digital pode contar com recursos próprios do meio *online*, como as tecnologias de realidade virtual e os *newsgames*. Segundo os autores Pase *et al* (2016, p. 1),

Os *newsgames* combinam as dinâmicas e experiências de interatividade e participação presentes nos jogos digitais com as narrativas da realidade, ou seja, as notícias e as reportagens jornalísticas. Essa categoria de jogos digitais começou a ser difundida principalmente a partir da massificação da internet e flexibilização do uso dos softwares de programação no início dos anos 2000.

Já a realidade virtual é definida como uma experiência de imersão do usuário, no qual um ambiente é recriado (FLORES, 2016). Pase *et al* (2019) destacam que o uso da realidade virtual possibilita que o jornalismo leve o público até o local da notícia ou acontecimento.

Com a facilidade de acesso do público a headsets de RV como o Google *Cardboard*, no entanto, o jornalismo passa a ter a possibilidade de atingir esse



objetivo e entregar esse conteúdo de forma efetiva através da imersão proporcionada pela RV (PASE *et al*, 2019, p. 44).

Bastos (2005) destaca que esses recursos multimidiáticos dão liberdade para que os jornalistas decidam como transmitir cada história de maneira particular e da forma que enriquecerá as notícias. “Estas possibilidades multimídia permitem ao jornalista adequar as diversas modalidades a cada estória em particular, sem os constrangimentos existentes nas mídias tradicionais” (BASTOS, 2005, p. 6). Isso abre novos caminhos para que a produção jornalística seja menos limitada e beneficia o público, que terá uma melhor experiência com conteúdo diverso e mais completo.

Além do surgimento de novos formatos no campo audiovisual, o jornalismo digital também conta com inovações nas narrativas escritas. Por não ter as restrições de tamanho da folha, como no jornalismo impresso, os meios digitais possibilitam a produção de textos maiores. “Explorar o conteúdo noticioso com uma forma de texto mais densa modifica os processos de construção da notícia, inserindo práticas inovadoras quanto à apresentação do produto final” (FLORES, 2016, p. 7). Ao se valer dessa liberdade de espaço, os profissionais de mídia podem adotar práticas inovadoras na apresentação do produto final.

Acessibilidade digital: site Jornalista Inclusivo

O fenômeno da convergência beneficia e dá oportunidade para a produção de conteúdo multimídia. Para o jornalismo, isso significa mais oportunidades para aumentar a qualidade das notícias através da incorporação de imagens, vídeos, gráficos e outros recursos que enriquecem a experiência do leitor. Essa variedade também possibilita a integração de ferramentas que melhoram e democratizam o acesso ao jornalismo.

A acessibilidade digital é um conceito definido por Torres e Mazzoni (2004), como:

A acessibilidade no espaço digital consiste em tornar disponível ao usuário, de forma a que possa aceder a ela com autonomia, toda a informação que lhe for franqueável (ou seja, informação para a qual tenha código de acesso ou seja de acesso livre para todos), independentemente de suas características orgânicas, sem prejuízos quanto ao conteúdo da informação (TORRES; MAZZONI, 2004, p. 3).



Os autores explicam ainda que, para promover a acessibilidade digital, é importante combinar múltiplas formas de apresentar uma informação:

A acessibilidade é obtida combinando-se a apresentação da informação de formas múltiplas (seja com uma simples redundância, ou utilizando-se um sistema automático de transcrição de mídias), com o uso de ajudas técnicas (tais como sistemas de leitura de tela, sistemas de reconhecimento da fala, simuladores de teclado etc.) que maximizam as habilidades dos usuários com limitações associadas a deficiências orgânicas (TORRES; MAZZONI, 2004, p. 3).

No *site* *Jornalista Inclusivo*, a acessibilidade se torna um grande diferencial, por não ser apenas um dos temas discutidos nas matérias, mas estando presente também na estrutura do portal. Recursos como a narração dos textos, a janela de Libras e outras ferramentas de inclusão digital estão presentes em 100% das matérias produzidas e têm grande potencial inovador e democratizador das notícias.

Criado pelo jornalista Rafael Ferraz Carpi, no estado de São Paulo, o *Jornalista Inclusivo* estreou em 2020 e traz notícias sobre saúde, inclusão e acessibilidade. O criador do *site* se tornou tetraplégico em 2011, e desde então trabalha com conteúdo *online*. Em 2017, deu início ao projeto ao criar a página *Jornalista Inclusivo* no Facebook. Segundo ele, o propósito da criação do portal foi ampliar o alcance dos conteúdos produzidos e atender a mais demandas do público.

Rafael, além de ser o criador do *site*, também produz a maior parte dos textos publicados no portal. Ele consegue movimentar os braços, e, assim, utiliza um teclado físico para digitar, e conta ainda com o auxílio de um *laptop* com uma tela *touchscreen*, em que também faz uso do teclado digital. Segundo ele, as funcionalidades de comando de voz nos dispositivos são grandes aliados na produção de conteúdo. A equipe do *site* é composta ainda por pessoas convidadas para serem colunistas em categorias específicas como moda, direito e paradesporto.

Indo além do discurso nos conteúdos, o *site* possui recursos de acessibilidade que seguem as exigências da Lei Brasileira de Inclusão de 2015, que estabelece no Art. 67 que “os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre



outros: I – subtítuloção por meio de legenda oculta; II – janela com intérprete da Libras; III – audiodescrição” (BRASIL, 2015, p. 14).

O *site* *Jornalista Inclusivo* conta com textos, imagens e vídeos que interagem com outros recursos, como a descrição das imagens, a janela de tradução em Libras e um *player* de narração dos textos. Além disso, há uma aba dedicada a mais ferramentas, como a lupa, um teclado virtual e opções para configurar as cores e as letras apresentadas no *site*, para auxiliar pessoas com baixa visão ou daltonismo.

Figura 1. Janela de Libras no canto direito da tela



A janela de Libras está presente em todo o *site*, no canto direito da tela, sendo representada pelo símbolo da Acessibilidade em Libras. Quando o recurso é selecionado, aparece um personagem que pode ser do sexo feminino ou masculino, conforme a preferência do usuário. Depois de abrir a ferramenta, basta selecionar o trecho do texto e o personagem fará a tradução. A janela de Libras do *site* é um *plug-in* desenvolvido pela empresa Hand Talk⁴.

⁴ Plataforma de tradução automática para Línguas de Sinais criada em 2012.



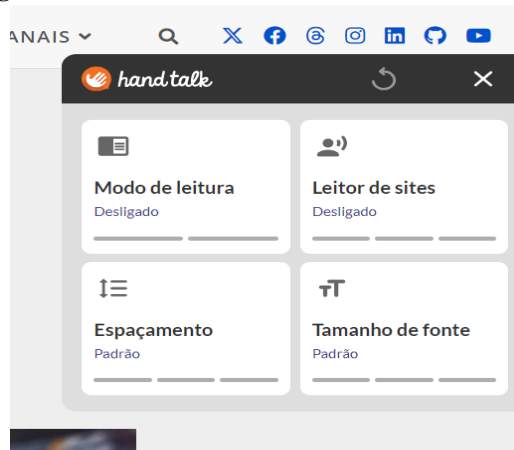
Figura 2. Legenda com descrição de imagem



Descrição da imagem #PraCegoVer: Imagem gerada por computador reproduz uma das salas de acervos do Novo Museu do Ipiranga. Ao fundo estão duas grandes janelas, e logo abaixo uma linha do tempo, com a exposição de datas e informações. À imagem gráfica também foram adicionadas algumas pessoas e, entre elas, um homem em cadeira de rodas. Créditos: Divulgação

Outra característica do *site* é o uso da descrição de imagem. Esse tipo de legenda é utilizado em 100% das imagens divulgadas no portal. A utilização desse recurso é essencial para que pessoas com deficiência visual ou baixa visão possam entender o que está sendo mostrado. A partir do texto descrevendo a imagem, aparelhos como celulares e computadores podem fazer a audiodescrição do conteúdo e transmiti-lo ao usuário. “A audiodescrição possibilita acesso à linguagem imagética, ampliando as suas possibilidades de observação, sensibilização, interpretação, análise e compreensão” (MOURA; TORRES, 2016, p. 2).

Figura 3. Janela com ferramentas de acessibilidade





No *site* existe também uma janela especial com recursos variados, como um leitor de texto, uma lupa e uma gama de opções para ajustar a fonte e personalizar as cores do plano de fundo, dos cabeçalhos e dos textos. Segundo Rafael, as ferramentas são disponibilizadas pela Hand Talk e têm, como usuários principais, pessoas com daltonismo, neurodiversas, como os autistas, ou mesmo pessoas idosas que precisam de letras maiores e maior contraste visual para navegar.

Os conteúdos do *site* são divididos nas seguintes categorias: Advogada Responde, Artigos, Direitos PCD, Entrevistas, Inclusão e Moda, Mau Exemplo de Superação, Mercado de Trabalho PCD, Notícias/Últimas Notícias, Podcasts, Recortes da Psicologia Inclusiva, Sem Barreiras, Sem Filtro & Com Afeto e Videocoluna.

Foi realizada também a análise da quantidade mensal de postagens no *Jornalista Inclusivo*, tendo como início o mês de maio de 2020 até maio de 2022.

Tabela 1. Quantidade de de postagens em cada mês

	Jan	Fev	Mar	Abr	Maio	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
2020	-	-	-	-	2	7	15	11	7	15	12	15
2021	15	16	22	19	19	14	20	20	16	19	20	14
2022	8	11	13	13	4	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Além dos conteúdos textuais, o *site* também tem seu próprio podcast, chamado RodaCast, que é apresentado, gravado e editado pelo músico Douglas “Dôdi” Jericó, que também é tetraplégico. O podcast está na sua segunda temporada e aborda assuntos como arte, cultura, política, tetraplegia e música. Desde sua criação, em 2020, foram publicados 16 episódios do RodaCast, disponíveis em diversas plataformas digitais.

Rafael explica como foi a escolha dos recursos utilizados no *site*:

Os recursos de acessibilidade do *site* são os mínimos necessários – como pede a LBI – Lei Brasileira de Inclusão (Lei N° 13.146/2015), entre outras que são aliadas na promoção da acessibilidade na web, como ensina a Cartilha



Acessibilidade na Web W3C Brasil – Fascículo II, dentro das nossas possibilidades (CARPI, 2022).

Atualmente, o *site* tem parceria com as empresas que disponibilizam os recursos de acessibilidade, mas existem alternativas gratuitas que podem ser utilizadas.

Considerações finais

O jornalismo digital viabiliza a criação de produtos jornalísticos inovadores e com maior liberdade criativa em seus formatos e conteúdos. Os potenciais encontrados no meio digital incluem a multimídia, o alcance dos conteúdos e a mudança na rotina de produção. Tais características melhoram a experiência do público, pois no jornalismo digital é possível acessar notícias mais completas, dinâmicas com mais facilidade. Além disso, o acesso digital não tem restrições geográficas e, em muitos casos, é gratuito, sendo necessário apenas um aparelho eletrônico conectado à internet.

As características do meio digital também beneficiam os jornalistas, que são capazes de criar conteúdo sem ter que se preocupar com as limitações presentes no jornalismo tradicional, como tamanho, prazos fixos de entrega e custos mais altos. Para os profissionais do meio virtual, os deveres com a ética e boas práticas jornalísticas continuam, mas a produção se torna mais ágil e flexível.

Além disso, o jornalismo digital se adapta e atende os profissionais e consumidores de maneira a respeitar suas diversas características e necessidades, como é o caso das pessoas com deficiência que procuram por acessibilidade digital. O potencial de adaptação do meio digital é tanto que a própria legislação brasileira determina normas a serem seguidas para que todos os *sites* sejam acessíveis.

Apesar desses fatores, são poucos os *sites*, especialmente jornalísticos, que contam com ferramentas de acessibilidade digital. A partir dos dados apresentados na pesquisa, é importante fazer uma reflexão quanto à contradição presente no comportamento de muitos veículos jornalísticos. Apesar de publicar matérias abordando as dificuldades de acessibilidade das



peças com deficiência, a maioria dos *sites* jornalísticos não disponibilizam caminhos para que essas mesmas pessoas possam consumir esse conteúdo.

Como destacado por Torres e Mazonni (2004), a não-observância dos princípios do *design for all* no espaço digital pode ser considerada como uma discriminação feita a milhares de usuários. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 18,9 milhões de pessoas com alguma deficiência, um número significativo de indivíduos que deixam de consumir conteúdos jornalísticos por falta dos recursos e ferramentas necessárias.

Em casos mais específicos, quando há a necessidade de um aparelho eletrônico adaptado, os altos custos e a falta de conhecimento sobre o tema tornam a perspectiva de acessibilidade digital ainda mais distante. O jornalismo digital é um avanço na democratização e inclusão para quem produz e consome conteúdo, mas ainda há questões que impedem o acesso de todos. A falta de recursos de acessibilidade nos *sites* é uma barreira existente até mesmo para as pessoas que têm os equipamentos necessários para o acesso.

O *site* *Jornalista Inclusivo* é prova de que os potenciais do meio digital são capazes de promover a democratização e maior pluralidade para aqueles que produzem conteúdo informativo e adaptar de inúmeras formas às necessidades do público que consome. Como uma iniciativa independente, sem contar com uma extensa equipe e recursos, o *site* mostra que até mesmo sem uma grande estrutura é possível produzir jornalismo mais acessível e inclusivo.

Referências

BASTOS, Helder. **Ciberjornalismo e Narrativa Hipermedia**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

BENIGNO NETO, E. Por uma história do jornalismo digital: algumas considerações. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 6, 2008, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: Alcar, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/por%20uma%20historia%20do%20jornalismo%20digital.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BIGDATACORP. **[Estudo] Acessibilidade na web brasileira | 3a edição**. 26 jul. 2021. Disponível em: <https://bigdatacorp.com.br/estudo-acessibilidade-em-sites-e-apps-brasileiros-ed-2021/>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p.



14-16, 6 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 5 jun. 2022.

CARPI, Rafael Ferraz. **Depoimento (maio 2022)**. Entrevistadora: Maria Leandra A. Arquivos digitais. Entrevista concedida para artigo científico.

CUSIN, C. A.; VIDOTTI, S. A. B. G. Inclusão digital via acessibilidade web | Digital Inclusion Via Web Accessibility. **Liinc em Revista**, v. 5, n. 1, 2009. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3189>. Acesso em: 24 fev. 2022.

DEUZE, Mark. Journalism and the Web: an analysis of skills and standards in an online environment. **Gazette**. 61, n. 5, p. 373-390, 1999.

FLORES, Ana Marta. M. **Jornalismo de Inovação: um conceito múltiplo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14, 2016, Palhoça, nov. 2016. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/208/185>. Acesso em: 5 jun. 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KAWAMOTO, Kevin. **Digital Journalism: Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal; TORRES, Eloiza Cristiane. Audiodescrição de fotografias para o estudo da paisagem por pessoas com deficiência visual: uma contribuição na formação de professores. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 61-74, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N12/Art-5-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Moura-Torres.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.

PASE, André F. *et al.* Entre a notícia e o jogo, em busca de padrões na criação de newsgames. **XV SBGames**, São Paulo, p. 1477-1480, set. 2016.

PASE, André F. *et al.* **JoRValismo**: práticas e reflexões sobre o jornalismo e a realidade virtual. São Leopoldo: Oikos, 2019.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RASÊRA, M. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. **Revista ÍCONE**, v. 12, n. 1, p. 1-9, ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230424>. Acesso em: 5 jun. 2022.

TORRES, Elisabeth F.; MAZZONI, Alberto A. **Conteúdos digitais multimídia: o foco na usabilidade e acessibilidade**. Ciência Da Informação, Brasília, v. 33, n. 2, p. 152-160, maio/ago. 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento de métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.